

A nova advertência dos bancos suíços

Medidas fiscais foram elogiadas, mas há o temor de que a crise coreana se alastre pelos países latino-americanos

Assis Moreira
de Genebra

O impacto do pacote de Brasília foi positivo para o Brasil melhorar o crédito de confiança entre os bancos suíços, que administram um terço da fortuna privada mundial. Mas alguns bancos advertem que os mercados latino-americanos continuam ameaçados por turbulências dos países do Sudeste asiático.

“As medidas adotadas pelo Brasil são boas e vão ajudar a baixar a especulação no mercado”, afirmou Walter Molaro, economista-chefe para América Latina do Swiss Bank Corporation (SBC). “Mas temos muito medo de que possa vir uma crise da Coreia do Sul que afete os mercados latino-americanos, porque a Coreia tem uma dívida externa e interna em dólares que vence nos próximos três meses”.

Se os coreanos não puderem refinar US\$ 30 bilhões até 31 de dezembro, num mercado com liquidez menor e confiança baixa nos emergentes, então “virá outra crise com impacto global, que afetará de novo todo mundo”, estimou o economista do SBC. A dívida externa e interna coreana é hoje de US\$ 850 bilhões, disse Molaro. Outro importante economista de um grande banco em Zurique acrescentou que a situação da Tailândia também não es-

tá resolvida e será necessário esperar janeiro e fevereiro para ver o que vai acontecer.

“Não vemos a situação do Brasil nem de longe como a dos tigres asiáticos, mas um movimento de pânico global não o pouparia”, afirmou o economista Antoine Reszler, do banco Edourd Constant de Genebra. Segundo Reszler, o governo brasileiro mostrou com

A boa reação do governo brasileiro à crise vai ajudá-lo nos mercados, segundo Haroldo Jimenez, do UBP

o pacote que reconhece a existência de um problema e irá combatê-lo, ao contrário dos dirigentes asiáticos “que mostraram incapacidade para tratar a crise e foram colocados contra um muro”.

“Para a confiança do mercado no Brasil, o pacote foi positivo, e agora é ver como as medidas vão ser aplicadas no médio prazo, e sobretudo ver se esse pacote de R\$ 20 bilhões servirá apenas para compensar o aumento da dívida interna, que subiu com o aumento dos juros”, disse Reszler. “O que o mercado gostaria de ver é o governo brasileiro não assumir divi-

das dos estados e municípios, que dobraram a dívida interna em um ano”, afirmou um economista de um grande banco de Zurique.

“O governo brasileiro reagiu bem à crise, e isso vai ajudá-lo nos mercados”, disse o analista Haroldo Jimenez, do União Bancário Privado (UBP), de Genebra. “Para nós, a desvalorização do real está fora das expectativas e a longo prazo somos positivos. A curto prazo, porém, a situação exige prudência e por isso recomendamos clientes mais agressivos a esperar uma melhor previsibilidade”, disse Jimenez.

Pela ordem, o UBP prefere investir no México, no Brasil e só depois na Argentina. “Aguardamos o primeiro semestre de 1998 para ver o que se passa na Argentina, porque a situação lá está embaralhada”. Com fortes investimentos no Brasil, o UBP não está vendendo suas posições, mas também sugere a clientes não entrarem agora.

Também um diretor de um grande banco dos EUA em Genebra não tem dúvidas de que o pacote respondeu as expectativas, e que os investimentos no ano que vem voltarão a ser significativos no país. O alerta foi sério para o Brasil, e é um bom sinal como Brasília reagiu, disse.